



## O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO? EU ESTOU FAZENDO COMO O PEIXE! COMO?

Thibaut Garçon

### Tradução para o Português:

Fernando Aleixo  
Georges Dupont  
Jean-Camille Girardeau  
Vera Bernardes

### Agradecimentos:

Os organizadores da publicação e o autor registram um especial agradecimento para as senhoras Ana Wegner e Lise Belperron pela colaboração preciosa no processo final da tradução deste texto.

### Resumo

O autor deste texto evoca algumas impressões de seu percurso ao lado de Maud Robart sem omitir as dificuldades encontradas durante a sua aprendizagem. Emerge daí a noção de "justo esforço"<sup>1</sup> "que ele descobre no ritmo de sua caminhada. Este "justo esforço" é a chave dos cantos que animam esta prática, o salto para a liberdade do artista.

**Palavras-chave:** Cantos; Maud Robart; Transmissão; Experienciar; Aprendizagem experiencial.

---

<sup>1</sup> A noção de justo esforço, como causa eficiente e ferramenta de transformação da pessoa, encontra-se em muitas antigas sabedorias tradicionais. Dentro destas tradições – onde o saber-fazer, saber-viver e saber-ser são indissociáveis – esta noção intervém em todas as situações da vida. O ensinamento de Maud Robart oferece uma pista prática, através dos cantos do vodu afro-haitiano, para experienciar este princípio do trabalho no ato de cantar. De fato, no âmbito da arte ritual, é a favor do justo esforço que a performance pode tomar forma, se encarnar nas energias do corpo, alcançar o seu objetivo e trazer sentido aos participantes que se submetem a ele. A fórmula a seguir resume bem o que está em jogo: manter-se com vigilância no processo, ser ao mesmo tempo ator e servo. Nesta aparente contradição, o justo esforço e o dom total do artista se reforçam mutuamente. [Tirado de um diálogo entre Maud Robart e Thibaut Garçon, no outono de 2015]

## O que você está fazendo? Eu estou fazendo como o peixe! Como?

Meu encontro com Maud Robart já vem acontecendo há quase 15 anos. Um verdadeiro itinerário!

Quando eu descobri essa prática, devo confessar que me senti intimidado, até mesmo perdido diante da sua singularidade. Eu, o típico Francês, vindo do país das "Preciosas Ridícula<sup>2</sup>", com a sua cultura intelectual, seus modos de vida modernos, seu espírito cartesiano...

Estonteado, durante a minha primeira oficina com Maud, eu não sabia como reagir ao que ela propunha; ficava ali, boquiaberto. Mas, às vezes era preciso responder a ela; eu ficava então na posição do peixe que esqueceu o seu elemento natural, a água, e que agita as nadadeiras em todas as direções, sem nem saber mais o que está fazendo. Um peixe um pouco cego, um pouco surdo.

Nessas mesmas circunstâncias, paradoxalmente, uma emoção de uma grande clareza me elevava algumas vezes muito além dos meus pequenos problemas pessoais. Lá dentro, bem no fundo de mim, uma paz jamais experimentada antes se encarnava. Um silêncio... Tudo ao redor respirava mais sutilmente, meus sentidos pareciam renovados, eu renascia para a vida.

No término desse primeiro encontro, eu voltei para casa, em Paris, eufórico, orgulhoso dessa experiência inesperada, o olhar arrogante, o nariz empinado, com a impressão de perceber o mundo diferentemente e certo de ter me apropriado, de uma vez por todas, dessa vivência. Eu tinha o sentimento de ter me tornado especial!

Mas após alguns dias, esse sentimento indescritível me deixou, ali esgotado, numa esquina! Desembriagado eu não compreendia porque tudo tinha o ar tão banal ao meu redor, porque o meu trabalho de ator me parecia subitamente tão enfadonho, porque a minha consciência tinha se tornado tão encolhida.

---

<sup>2</sup> Referência à peça de teatro escrita por Molière, "Les Précieuses Ridicules", que evoca bem, nos tempos atuais, alguns aspectos "policiados" dos usos e costumes da sociedade francesa.

Oh, como eu estava frustrado por ter deixado escapar esse estado de graça! Mas curioso, intrigado pela beleza, integridade e despojamento provocador desse trabalho, decidi então voltar à fonte.

Mais tarde e até hoje, essa busca me acolheu, me moveu, me sacudiu, me empurrou, me pegou de novo. Mas, sobretudo, me fez crescer como artista e como pessoa. Aos poucos, eu tomava a consciência de que, do estado experimentado no final do primeiro estágio, eu não era nem o autor, nem o proprietário, mas ele me vinha sobretudo das condições que Maud Robart tinha sabido criar para permitir que esse patrimônio de cantos e de danças vodu afro-haitiano se expressasse.

Lembro-me de uma outra oficina em que passei nove dias sem fazer nada, a não ser observar o trabalho. Meu corpo estava imerso nas vibrações dos cantos, na onda dos movimentos. À noite, dormindo, minha memória física me substituía e eu repetia inconscientemente, na minha cama, o que eu tinha vivido durante o dia.

Toda manhã eu voltava lá para observar mais, para ouvir mais. Depois, no décimo dia, Maud finalmente me convidou para cantar com o grupo. Em um segundo todo o meu sistema psicofisiológico se auto-organizou para me tornar disponível para os ritmos e as melodias. Estranhamente, esse longo trabalho de ouvinte tinha entreaberto em mim a porta dos cantos.

Ao longo dos anos, eu aceitei estar ali, fazer exatamente o que era para ser feito, dar a resposta apropriada a cada instante. Assim, eu consegui integrar a noção do "justo esforço" através de uma transmissão sutil, esclarecida, desses elementos rituais oriundos de uma tradição muito antiga.

Os cantos, por exemplo, são repetitivos com estruturas rítmicas definidas e melodias precisas. Os cantos demandam uma grande escuta do outro, do espaço que nos cerca; eles demandam que estejamos relaxados, que respiremos, que observemos. Mais do que "querer fazer": o caminho é sentir, renovar essa sensação, perceber cada sílaba que esculpe nossos lábios, ter consciência dos sons, captar os lugares onde o canto quer ressoar, sua trajetória em nós e fora de nós. É um trabalho constante de atenção que nasce no meio de todas as coisas, entre o conhecimento e a descoberta, a aprendizagem e a "desaprendizagem", o esforço e o não esforço, entre o eu e o mundo, suas lembranças e o instante, entre complexidade e simplicidade. E,

finalmente, quando chegamos a aceitar sermos ancorados bem no meio dessas oposições, esses cantos nascem para a vida. Assim, aquele que se abandona se torna o precioso receptáculo do seu próprio jorro.

Devo dizer também que Maud Robart não traduz sempre seus cantos, somente quando a conjuntura a demanda. Ora, sondando um pouco as minhas lembranças, a cada vez que ela explicou as letras dos cantos, o significado não me surpreendeu. Na sua própria maneira de fazê-lo, ela consegue restituir a essência desses hinos, seus traços distintivos. Começando sempre por cantar simplesmente, sem floreado ou particularidade de espécie alguma que viessem perturbar o espírito do canto, Maud se presta a ele como se para lhe oferecer uma oportunidade de expressar livremente sua plena natureza, através dela.

Na prática, quando esse "justo esforço" para acolher esses cantos em nós se realiza, eles se tornam subitamente uma matéria viva.

Não somos mais nós que respiramos, "Isso" nos respira.

Não somos mais nós que ressoamos, "Isso" ressoa.

Neste instante, minha consciência surpreendida observa esse fenômeno, os cantos parecem me contar sua origem, me religar ao grande corpo do mundo e à todas as gerações que eles não cessaram de animar, desde os tempos remotos.

O mais inusitado para mim é a impressão, renovada a cada vez, de que esse ato é infinitamente natural. Ele não tem nada de especial nem de prodigioso. Ele não tem nada de performance artística, tal como é concebida frequentemente hoje, fundada na imagem formatada da vedete içada sobre um pedestal para que explorem a sua celebridade, na grande feira do *star-system*. Não, nós não somos esse produto fabricado, esse "artista-star", quando deixamos viver esse fluxo de sons e de ritmos que vai e vem, ao seu próprio sabor, por todas as gargantas do nosso corpo, nos lava de nossos condicionamentos e nos recoloca na nossa inocência.

Em nossa condição de inatos, nós estaríamos mais à imagem da árvore, sem espera, sem vontade própria, crescendo constantemente na sua missão, vertical.

Quando eu me dou o tempo de aguçar o meu ouvido, até as pedras falam comigo.

Quando a vida corre assim, sem obstáculo, em cada uma das ramificações do meu ser, o peixinho se põe a nadar com facilidade, na gratidão.



Recebido em 07/04/2017  
Aprovado em 14/05/2017  
Publicado em 08/09/2017